

SOCIEDADE DE
CULTURA
ARTÍSTICA

95
ANOS

SERGIO TIEMPO

PIANO

Comunicação também é unir pessoas sem dizer uma palavra.

Telefônica. Patrocinadora dos Concertos da Sociedade de Cultura Artística.



Telefônica

www.telefonica.com.br

SOCIEDADE DE
CULTURA
ARTÍSTICA

95
ANOS

CONCERTO EXTRA-ASSINATURA

SERGIO TIEMPO

PIANO

LEI DE
INCENTIVO
À CULTURA

MINISTÉRIO
DA CULTURA



Companhia Brasileira de Alumínio

 Votorantim

patrocínio

Telefónica

SERGIO TIEMPO Piano

Considerado pela crítica e pelos colegas musicistas um dos melhores pianistas de sua geração, o argentino-venezuelano Sergio Daniel Tiempo se destacou no cenário internacional desde o seu *début*, aos 14 anos de idade, na edição de 1986 da série Grandes Pianistas, promovida pelo *Concertgebouw* de Amsterdã. Hoje, apresenta-se regularmente em recitais e concertos nas principais salas de música da Europa, da América do Norte, da América do Sul e do Japão.

Seus compromissos nos Estados Unidos já levaram o pianista a importantes centros musicais, como o *Ravinia Festival* de Illinois, o *Kennedy Center* de Washington, o *Davis Symphony Hall* de São Francisco e o *Ambassador Hall* de Los Angeles, bem como a importantes salas em Dallas, Miami, Seattle e Nova Iorque. Na Europa, tem se apresentado em prestigiosos teatros e *halls* de concerto, como a *Berliner Philharmonie*, a *Alte Oper* de Frankfurt, o *Concertgebouw* de Amsterdã, o *De Doelen* de Roterdã, o *Palais des Beaux Arts* de Bruxelas, as *Salles Pleyel* e *Gaveau* de Paris, o Conservatório Verdi de Milão, a Academia Liszt de Budapeste, o Conservatório de Kiev e a Sala Tchaikovsky de Moscou.

Como solista de concerto, Sergio Tiempo já tocou com as Sinfônicas de Chicago e de Houston, regidas por Christoph Eschenbach, a *Cleveland Orchestra*, sob a batuta de Leonard Slatkin, a *New World Symphony*, com Michael Tilson Thomas, a Sinfônica de Montreal, dirigida por Charles Dutoit, a Filarmônica de Roterdã, com o maestro Vassily Sinaisky, os Solistas de Moscou, conduzidos por Vladimir Spivakov, a Sinfônica de Dallas, com Hans Vonk, a Filarmônica de Los Angeles, com Emmanuel Krivine, a Orquestra Sinfônica de Stavanger (Noruega), sob regência de Alexander Dmitriev, a Sinfônica de Berlim, a *Orchestre de Lyon*, a Filarmônica de Liège e com as Orquestras *Yomiuri*, Metropolitana e Filarmonica de Tóquio. Realizou sete turnês no Japão, onde deu recitais e concertos no *Suntory Hall*, no *Orchard Hall* e no *Bunka Kaikan*.

Sergio Tiempo tem participado de alguns dos mais prestigiosos eventos do mundo da música, dentre os quais se destacam: o Festival de Schleswig-Holstein, na Alemanha; o *Martha Argerich and Friends Festival*, de Munique; o *Verbier Festival*, na Suíça, onde tocou com Martha Argerich, Mischa Maisky, Barbara Hendricks e com sua irmã, a pianista Karin Lechner; o Festival de Toulouse, onde dividiu o Ciclo Beethoven com Alicia de Larrocha e Maria João Pires; os Festivais de La Roque d'Anteron, Colmar e

Montpellier; o Festival Arturo Benedetti Michelangeli, de Bérgamo; bem como colabora regularmente com o *Progetto Martha Argerich*, realizado todos os anos em Lugano.

Tiempo é também um apaixonado por música de câmara, que costuma tocar em duo com a irmã, Karin Lechner. Os dois e a mãe, a também pianista Lyl Tiempo, excursionaram pela Europa e pela América do Sul tocando o Tríplice Concerto de Mozart. Também realizou turnês com violoncelistas (dentre eles Mischa Maisky), violinistas e cantores, e em duo com Martha Argerich. Na América do Sul, vem fazendo numerosas apresentações no Teatro Colón de Buenos Aires, bem como no Brasil e na Venezuela.

A discografia de Sergio Tiempo inclui diversos álbuns para o selo *JVC Victor*, o primeiro deles com o registro ao vivo de seu recital de 1986 no *Concertgebouw*, que teve excelente acolhida em todo o mundo. Depois desse, gravou um recital com obras de Beethoven, Schumann e Chopin, ao qual se seguiram três álbuns dedicados a Chopin – Prelúdios *opus* 28, Concerto nº 1 e Sonatas nºs 2 e 3. Com sua irmã, Karin Lechner, gravou dois CDs com duos de piano. Sua gravação mais recente, registrada para a *Deutsche Grammophon*, é um álbum dedicado à música para piano e *cello* de Mendelssohn, realizado com o violoncelista Mischa Maisky.

Nascido em Caracas, em 24 de fevereiro de 1972, Sergio Tiempo iniciou seus estudos de piano com a mãe, Lyl Tiempo, aos dois anos e oito meses de idade. Fez sua primeira apresentação pública poucos meses depois, aos três anos; com quatro anos tocou na TV argentina e com sete deu recitais em Londres e no Festival de Menton, na França. Além de estudar com a mãe, teve aulas com Tessa Nicholson e Maria Curcio, em Londres, com Pierre Sancan e Michel Beroff, em Paris, e com Jacques Detiège e Alan Weiss, na Bélgica. Na *Fondazione per il Pianoforte de Como*, Itália, trabalhou com Dimitri Bashkirov, Fou Ts'ong, Murray Perahia e Dietrich Fischer-Dieskau. Recebeu também orientação musical e conselhos de Nikita Magaloff, Nelson Freire e Martha Argerich, que é uma de suas principais incentivadoras.

Sergio Tiempo foi agraciado com diversos prêmios, dentre os quais o Alex De Vries (Bélgica, 1986) e quatro Primeiros Prêmios na edição de 1980 do *Ealing Music Festival* de Londres, onde recebeu Prêmio Especial como o mais talentoso participante do certame, assim como o prêmio Davidoff na Alemanha, em 2000.



SERGIO TIEMPO

SOCIEDADE DE CULTURA ARTÍSTICA MANTENEDORES E AMIGOS – 2007



Benfeitores Cultura Artística

Benfeitores Platina

Bovespa – Bolsa de Valores
de São Paulo

Companhia Brasileira de
Liquidação e Custódia

Suzano Papel e Celulose SA

Benfeitor Prata

MD Invest Participações Ltda

Benfeitores Bronze

Livraria Cultura SA

Opinião SA

Sifra SA

MANTENEDORES

Adolpho Leimer
Adroaldo Moura da Silva
Affonso Celso Pastore
Airton Bobrow
Alexandre Fix
Alfredo Rizkallah
Aluizio Rebello de Araújo
Álvaro Luiz Fleury Malheiros
Álvaro Oscar Campana
Angelita Habr Gama
Annete e Tales P. Carvalho
Antonio Carlos de Araújo Cintra
Antonio Hermann D. M. Azevedo
Antonio Teófilo de Andrade Orth
Arsenio Negro Jr.
Carlos Nehring Neto
Carlos P. Rauscher
Cassio Casseb Lima
Centaurus Equip. de Cinema e Teatro
Cláudio Thomaz Lobo Sonder
Dario Chebel Labaki Neto
Eduardo L. P. R. de Almeida
Elisa Villares L. César
EPU-Editora Pedagógica e Universitária
Estrela do Mar Participações de Bens
Fabio de Campos Lilla
Fanny Fix
Felipe Arno
Felipe e Hilda Wroblenski
Fernando Carramaschi
Fernando Eckhardt Luzio
Fernão Carlos B. Bracher
Francisco José Turra
Gioconda Bordon
Henrique e Eduardo Brenner
Henrique Meirelles
Israel Vainboim
Jacks Rabinovich
Jairo Cupertino
Jayme Blay
Jayme Bobrow
Jayme Sverner
Joaquim Gama
José Adolfo da Silva Gordo (in memoriam)
José Carlos Moraes de Abreu
José E. Mindlin
José Roberto Ópice
Lea Regina Caffaro Terra
Livio de Vivo
Lucila e José Carlos Evangelista
Luis Stuhlberger
Luiz Rodrigues Corvo
Luiz Villares
Mario Arthur Adler
Michael e Alina Perlman
Minidi Pedroso
Morvan Figueiredo de Paula e Silva
Moshe Sendacz
Nélio Garcia de Barros
Nelson Nery Jr.
Patrick Charles Morin Jr.
Paulo César Aragão
Remida Empreendimentos Comerciais
Ricard Takeshi Akagawa
Ricardo Feltre
Roberto e Yara Baumgart
Roberto Mehler
Rogério Ribeiro da Luz
Ruth e Raul Hacker
Ruy e Célia Korbivcher
Salim Taufic Schahin
Sandor e Mariane Szego
Sonia Regina A. Otero Fernandes
Sylvia e Flávio Pinho de Almeida
Theodoro Flank
Thomas Michael Lanz
Vavy Pacheco Borges
2 mantenedores anônimos

AMIGOS

Alberto Emanuel Whitaker
Alexandre Grain de Carvalho
Aluizio Guimarães Cupertino
Ana Maria L. V. Igel
Ana Maria Malik
Ana Paula Fernandes Nogueira da Cruz
André Luiz Shinji Hayata
Andrea Sandro Calabi
Antonio C. Farroco Jr.
Antonio Carlos Pereira
Antonio Correa Meyer
Antonio José Louçã Pargana
Antonio Roque Citadini
Ayako Nishikawa
BVDA / Brasil Verde Design
Carlos Fanucchi Oliveira
Carlos J. Rauscher
Carlos Souza Barros de Carvalhosa
Cassio A. Macedo da Silva
César Tácito Lopes Costa
Claudia A. G. Musto
Cláudio Halaban
Cláudio Roberto Cernea
Edson Eidi Kumagai
Eduardo M. Zobarán
Eduardo T. Hidaí
Eduardo Telles Pereira
Elias e Elizabeth Rocha Barros
Elisa Wolynec
Erwin Herbert Kaufmann
ELVC Emp. Comerciais e Participações
Fabio Konder Comparato
Fabio Nusdeo
Fátima Zorzato
Fernando K. Lottenberg
Francisco H. de Abreu Maffei
Francisco José de Oliveira Jr.
Francisco Mesquita Neto
Gérard Loeb
Giampaolo Baglione
Giovanni Guido Cerri
Gustavo H. Machado de Carvalho
Henrique B. Larroudé
Hilda Mayer
Horácio Mario Kleinman
Izabel Sobral
Jacob Gorender
Jacques Caradec
Jaime Pinsky
Janos e Wilma Kövesi
Jayme Rabinovich
Jayme Vargas
Jeanette Azar
Jerzy Mateusz Kornbluh
João Baptista Raimo Jr.
João Gomes Caldas (in memoriam)
Jorge Diamant
Jorge e Liana Kalil
José Carlos Dias
José e Priscila Goldenberg
José E. Queiroz Guimarães
José Paulo de Castro Ensenhuber
José Roberto Mendonça de Barros
José Theophilo Ramos Jr.
Kalil Cury Filho
Katalin Borger
Leo Kupfer
Lilia Salomão
Luiz Roberto Andrade de Novaes
Luiz Schwarcz
Marcello D. Bronstein
Marcos Flávio Correa Azzi
Maria Luiza Loyola Collin
Maria Stella Moraes R. do Valle
Maria Teresa Gasparian
Maria Teresa Igel
Marianne e Ruy George Fischer
Mario e Dorothy Eberhardt

Mario Higino N. M. Leonel
Marta D. Grostein
Mauris Warchavchik
Miguy Azevedo Mattos Pimenta
Milú Villela
Monica Mehler
Morris Safdie
Natan Berger
Neli Aparecida de Faria
Nelson Reis
Nelson Vieira Barreira
Oscar Lafer
Pedro Stern
Rafael Jordão Motta Vecchiatti
Ramiro E. Andreotti Gomes Tojal
RCS Auditores
Regina Weinberg
Ricardo Ramenzoni
Renata e Sérgio Simon
Roberto Calvo
Rodrigo Parreira e Carolina Chemin
Rubens Halaban
Rubens Muszkat
Ruy Souza e Silva
Sae Laboratório Médico
Samuel Lafer
Sérgio Leal Carvalho Guerreiro
Silvio Meyerhof
Tamas Makray
Thomas Farkas
Thomas Frank Tichauer
Thyrso Martins
Ulysses de Paula Eduardo Jr.
Walter Ceneviva
11 amigos anônimos

SOCIEDADE DE
CULTURA
ARTÍSTICA

95
ANOS

O conteúdo editorial dos programas da Temporada 2007 encontra-se disponível em nosso site www.culturaartistica.com.br uma semana antes dos respectivos concertos.

PRÓXIMOS CONCERTOS

Teatro Cultura Artística

ORQUESTRA FILARMÔNICA DE VARSÓVIA

ANTONI WIT REGÊNCIA

ANTONIO MENESES VIOLONCELO

Série Branca 5 de novembro, segunda-feira

Rossini Abertura Guilherme Tell

Elgar Concerto para Violoncelo e Orquestra

Brahms Sinfonia nº 1

Série Azul 6 de novembro, terça-feira

Lutoslawski Pequena Suíte

Elgar Concerto para Violoncelo e Orquestra

Tchaikovsky Sinfonia nº 6

KING'S COLLEGE CHOIR

Concerto Extra-Assinatura

12 de dezembro, quarta-feira

Programa a anunciar

CONCERTO EXTRA-ASSINATURA

TEATRO CULTURA ARTÍSTICA, 22 DE OUTUBRO, SEGUNDA-FEIRA, 21H

Franz Joseph Haydn (1732 – 1809)

Sonata nº 50, em Ré maior, Hob.XVI:37

10'

Allegro con brio

Largo e sostenuto

Finale: Presto ma non troppo

Frédéric Chopin (1810 – 1849)

Sonata nº 3, em Si menor, opus 58

30'

Allegro maestoso

Scherzo. Molto vivace

Largo

Finale. Presto non tanto

intervalo

Maurice Ravel (1875 – 1937)

Gaspard de la Nuit

20'

Ondine

Le Gibet

Scarbo

Franz Liszt (1811 – 1886)

Consolation nº 3

15'

Valsa Mefisto nº 1

FRANZ JOSEPH HAYDN (1732 – 1809)**Sonata nº 50, em Ré maior, Hob.XVI:37**

Da adolescência aos seus anos finais – durante cerca de quatro décadas, portanto –, Haydn colocou no papel em torno de 60 sonatas para teclado. As primeiras eram expressamente destinadas ao cravo, velho instrumento de cordas pinçadas, na época ainda em grande voga. Uma importante parcela dessa produção, contudo, foi escrita pensando no novo instrumento de martelos, o *fortepiano*, pequeno e delicado predecessor do piano moderno, dotado de recursos sonoros que o cravo não tinha. Assim, através desse belo acervo de peças intimistas, de caráter marcadamente camerístico, podemos hoje acompanhar o desenvolvimento do autor no que tange não só ao tratamento da especificidade instrumental, como também no que diz respeito ao completo desabrochar da sua própria linguagem artística.

Dois compositores de estéticas diferentes influenciaram o Haydn das sonatas para teclado: o vienense G. C. Wagenseil (1715 – 1777), um dos iniciadores do estilo leve e desvolto que haveria de se chamar *galante*, durante o Classicismo; e o alemão C. P. E. Bach (1714 – 1788), o impetuoso autor de obras baseadas na *expressividade*, na *sensibilidade* e na muito audaciosa experimentação formal. A produção de Haydn, apesar dessas influências manifestas, demonstrou força e personalidade, na medida em que construída, simultaneamente, com rigor formal e graça de espírito. Essa parcela da sua produção sempre teve idéias suficientes para irrigar até mesmo a criatividade do seu irrequieto aluno Beethoven. Menos *cantantes*, e também menos italianizadas, do que as obras congêneres de Mozart, as sonatas de Haydn trazem à baila, por sua volta, uma transparência de tom que a um só tempo vela e desvela os elementos constitutivos postos em jogo, com astúcia e imaginação, amiúde sob o signo da bonomia e da sobriedade.

As *Sechs Sonaten für Cembalo und Pianoforte* foram publicadas como *opus 30* pelo então jovem editor Artaria, em 1780. Uma das mais conhecidas dessa série é exatamente a Sonata nº 50, em Ré maior, Hob.XVI:37, que possui o recorte clássico em três movimentos contrastantes. O primeiro e o último andamento alimentam-se de um gênero de verve da qual Haydn parecia ser proprietário exclusivo, em sua vivacidade espontânea e na aparente facilidade do enunciado. Já o andamento lento, de fisionomia bem mais séria, é uma elegante reverência ao velho e, então, já ultrapassado universo do superornamentado estilo barroco.

FRÉDÉRIC CHOPIN (1810 – 1849)**Sonata nº 3, em Si menor, opus 58**

Chopin jamais se distanciou do piano, instrumento que, desde sempre, foi o que escolheu para se expressar musicalmente. Sua extraordinária imaginação e sua não menos notável técnica transformaram o teclado em branco e preto desse instrumento em um mágico caleidoscópio gerador das mais inauditas cores sonoras. A permanente cintilação da música que destinou a ele faz com que sua obra continue a ser uma das mais apreciadas do repertório pianístico.

Foi por meio da sutil delicadeza dos seus enunciados que Chopin conseguiu, na expressão de Schumann, “esconder canhões entre flores”. Assim, a mensagem revolucionária de sua arte chegou ao público através de obras marcadas pela generosidade dos traços melódicos, pela ambigüidade da esfera harmônica e pela rica alternância dos ritmos. Ouvida superficialmente, essa música dá a impressão de ser apenas o reflexo de uma mente acostuada aos salões aristocráticos. Ouvida com a atenção que merece, ela nos faz participar de um espantoso universo musical baseado no imprevisível e no uso estranhado de elementos geradores de deliciosas surpresas. Espírito libertário, Chopin produziu miniaturas sonoras baseadas em formas não abertas – como prelúdio, improviso e estudo – ou, então, calcadas em ritmos de dança – polonesa, mazurca e valsa. Raras vezes se entregou ao exercício das formas clássicas consagradas de maior porte, como a sonata, âmbito no qual nos deixou apenas três exemplares bem pouco ortodoxos.

A Sonata nº 3, em Si menor, *opus 58*, composta durante o verão de 1844, pertence à maturidade de Chopin. Ela é dona de um tom expressivo carregado de símbolos sonoros que remetem às idéias de vida, energia e luz. O *Allegro maestoso* inicial parte de um tema repleto de impulso que, às tantas, recebe a companhia de uma melodia de sabor italianizante e lírico. Outros motivos vêm se reunir a essa animação que busca, à sua maneira, seguir os imperativos da forma-sonata (Exposição – Desenvolvimento – Recapitulação), em meio a rasgos da mais desabrida fantasia. O animado *Scherzo* que se segue alterna escalas rápidas e sucessões de acordes, de maneira trepidante. O movimento lento, um *Largo*, ostenta uma longa e peculiar melodia, espécie de canção sem palavras que só cessa, momentaneamente, para dar lugar a uma seção contrastante marcada *cantabile*, que soa como um tocante devaneio. O *Finale*, marcado *Presto non tanto*, retoma a agitada animação do *Scherzo*, levando-a para mais longe ainda, em direção a regiões nas quais o virtuosismo transcendental que requer costuma vetar a entrada dos intérpretes amadores.

MAURICE RAVEL (1875 – 1937)**Gaspard de la Nuit**

Treze anos mais jovem do que Debussy, Ravel foi com frequência acusado de imitar o colega mais velho. Isso nos tempos em que ambos eram considerados os principais artistas da cena musical francesa. O tempo passou e, ao fim e ao cabo, Ravel ganhou uma apreciação efetivamente justa que aponta para sua real originalidade. Diferentemente de Debussy, herdeiro de Chopin, Ravel foi um seguidor da cintilação sonora e da dificuldade transcendental de execução pianística de Liszt. Tanto um quanto o outro, naturalmente, abriram caminhos novos, não trilhados por seus modelos.

Quanto à forma, as obras de Ravel denotam o gosto pela clareza e pela transparência de expressão clássica. Já no que se refere à harmonia, ao ritmo e, sobretudo, à invenção melódica, ele criou um mundo que é só seu. A alta definição de seus temas levou-o a escrever toda uma obra baseada apenas em duas idéias complementares, o célebre *Boléro*. E o extraordinário refinamento, aliado ao exotismo de sua escritura, não o impediu de criar

melodias facilmente memorizáveis, como as da Pavana para uma Infanta Morta e do “poema coreográfico” *La Valse*.

As três peças que integram *Gaspard de la Nuit* foram escritas em Paris, em 1908. Denominadas “poemas” por seu autor, elas não são música puramente descritiva: pretendiam ser símiles musicais de poemas em prosa de um poeta romântico hoje esquecido, Aloysius Bertrand, criador de estranhas fantasias. Na atualidade, essa coleção ocupa não só o posto de obra máxima para piano do compositor, como também se coloca entre as mais significativas produções pianísticas da primeira metade do século XX.

Ondine – com seus turbilhões de sons, com o fluir e refluir da matéria sonora e com a sofisticada indefinição tonal – evoca essa divindade fluvial que, em sua solidão, chora. Sob a cascata de cintilantes arpejos ouve-se a voz da ninfa, através de um motivo que se alça em vôo para logo decair, deixando no ar a lembrança do seu belo rastro melódico. Depois de *Jeux d'Eau* e de *Une Barque sur l'Océan*, Ravel voltou uma terceira vez a recorrer a efeitos pianísticos destinados “a evocar as cativantes miragens da água e os seus moventes mistérios”, na expressão do pianista Alfred Cortot.

Le Gibet (O Patíbulo) é a mórbida e estranhamente expressionista visão de um cadáver que pende de um cadafalso, à luz mortiça de um poente. Um som, uma oitava de Si bemol grave ouvida 53 vezes, representa um toque de finados; ele é aí sobreposto a um tema de caráter desesperado e alucinante. A fantasmagoria desse “poema sonoro” é acentuada pelo emprego de fortes dissonâncias e de ritmos soturnos.

Scarbo é o nome de um gnomo maléfico, anão malicioso que, em meio a pesadelos do poeta, vem perturbar sua paz. Se em *Ondine* a melodia é a personagem central da trama sonora, o mesmo podendo ser dito da harmonia em relação em *Le Gibet*, em *Scarbo* é o ritmo intrincado e frenético a figura central do texto musical. Este, no fundo, é um *scherzo* rápido e de clima fantástico, dotado de dois temas principais. É a peça para piano de Ravel que apresenta as maiores dificuldades de execução, estando assim ao alcance de apenas poucos instrumentistas.

FRANZ LISZT (1811 – 1886)

Consolation nº 3 e Valsa Mefisto nº 1

Liszt foi o mais eminente pianista de seu tempo – de todos os tempos, diriam alguns de seus estudiosos. Até o início da década de 1840, compôs exclusivamente para o seu instrumento. Só depois é que se voltou para a orquestra, âmbito no qual inventou uma forma nova, a do poema sinfônico, escrevendo também para a voz, à qual destinou não apenas canções em várias línguas como igualmente obras religiosas. Mas, mesmo depois de ter abandonado as suas triunfais excursões de virtuose por toda a Europa, ele continuou a escrever para o piano. Entre suas derradeiras criações pianísticas encontram-se obras proféticas, como que já pertencentes à modernidade, como *Lúgubre Gôndola* e *Bagatela sem Tonalidade*.

Fazer um inventário das inovações técnicas e estéticas que Liszt trouxe para o piano é tarefa que foge ao âmbito destes breves comentários. Mas, em suas mãos, o instrumento ganhou extensão, profundidade e profusão

de efeitos de linhas e de massas sonoras. Poderosas oitavas, escalas rapidíssimas, arpejos complexos, trilos arrepiantes, saltos dos graves aos agudos, e vice-versa, encontram-se entre as múltiplas peripécias que ele entregou ao piano que reinventou. A maioria de suas peças era, na época, de execução tão difícil que foram raríssimos os intérpretes que tiveram a audácia de enfrentá-las. Pensou-se, então, que Liszt seria sempre o único a conseguir tocá-las e que, com sua morte, elas cairiam no esquecimento. Mas isso não aconteceu. Graças aos progressos do ensino pianístico, muitas dessas obras outrora consideradas “inexecutáveis” integram o repertório de alguns dos mais respeitáveis intérpretes de nosso tempo.

A série de seis *Consolations* foi composta em 1849/1850 e apóia-se na instigação literária fornecida por poemas de Sainte-Beuve. A terceira delas, que leva a indicação de andamento *Lento placido*, soa como uma meditação que faz referências simultâneas ao lirismo de dois de seus maiores amigos – Chopin e Schumann. A envolvente idéia melódica principal é aí sustentada por um acompanhamento ondulante – sendo levada a várias tonalidades, partindo de Ré bemol maior – e ganha especial refinamento em sua trajetória. É dessas melodias que costumam elevar a alma do ouvinte para altas paragens.

A Valsa Mefisto nº 1 deu início, em 1860, a uma série de quatro danças da vertente fausto-mefistofélica do autor. A primeira delas provém do segundo episódio das *Cenas do Fausto*, de Lenau, que Liszt destinou à orquestra. Aí essa arrebatada valsa se intitulava *Dança na Estalagem da Aldeia*. A versão que o compositor realizou para piano é uma das mais rutilantes peças para teclado do compositor, obra que cativa a uma primeira audição. Ela é aberta por uma série de intervalos de quintas ascendentes – agressivas dissonâncias que encarnam o ato de afinação do violino do diabo. O grande tema do chamado Espírito do Mal logo se espalha por todo o instrumento, em um percurso retumbante, preenchendo o espaço sonoro com seu tom fragoroso e um bocado grotesco. Ele é bem um retrato da coreografia frenética do Tinhoso, que invade uma festa de casamento realizada em um albergue de aldeia. Seu costureiro companheiro, *Fausto*, parece se entregar a devaneios amorosos, expressos em um extenso e intenso tema lírico. Misturado à forte melodia de *Mefisto*, ele acaba por se perder em meio dela, que triunfa.

Comentários por J. Jota de Moraes

Edição RUI FONTANA LOPEZ

Projeto Gráfico CARLO ZUFFELLATO e PAULO HUMBERTO L. DE ALMEIDA

Traduções EDUARDO BRANDÃO

Foto DIVULGAÇÃO

Editoração Eletrônica BVDA / BRASIL VERDE

Prepress e impressão GARILLI



Revista **CONCERTO**.
A boa música mais perto de você.

Roteiro clássico, notícias, entrevistas,
CDs, DVDs, livros, rádio e muito mais...

Assinaturas tel. (11) 5535-5518

www.concerto.com.br

CONCERTO
GUIA MENSAL DE MÚSICA ERUDITA

ABRIL, 16 E 17

SALA SÃO PAULO

BUDAPEST FESTIVAL ORCHESTRA

IVÁN FISCHER REGÊNCIA

SOCIEDADE DE
CULTURA
ARTÍSTICA

95
ANOS

MAIO, 2 E 7

TEATRO CULTURA ARTÍSTICA

BRITTEN SINFONIA

JOANNA MACGREGOR PIANO

MAIO, 14 E 15

TEATRO CULTURA ARTÍSTICA

PIOTR ANDERSZEWSKI PIANO

JUNHO, 19 E 20

TEATRO CULTURA ARTÍSTICA

YO-YO MA VIOLONCELO

KATHRYN STOTT PIANO

JULHO, 31 E AGOSTO, 1

TEATRO CULTURA ARTÍSTICA

LA CAPILLA REAL DE MADRID

OSCAR GERSHENSCHN REGÊNCIA

AGOSTO, 27 E 28

SALA SÃO PAULO

GUSTAV MAHLER JUGENDORCHESTER

PHILIPPE JORDAN REGÊNCIA

THOMAS HAMPSON BARÍTONO

SETEMBRO, 3 E 4

TEATRO CULTURA ARTÍSTICA

QUARTETO HAGEN CORDAS

SETEMBRO, 24 E 25

TEATRO CULTURA ARTÍSTICA

ORCHESTRA BAROCCA DI VENEZIA

ANDREA MARCON REGÊNCIA

GIULIANO CARMIGNOLA VIOLINO

OUTUBRO, 15 E 16

TEATRO CULTURA ARTÍSTICA

JACQUES LOUSSIER TRIO

NOVEMBRO, 5 E 6

TEATRO CULTURA ARTÍSTICA

ORQUESTRA FILARMÔNICA DE VARSÓVIA

ANTONI WIT REGÊNCIA

ANTONIO MENESES VIOLONCELO

Datas e programação sujeitas a alterações.



Com cultura a vida tem mais sentido

Programa de Democratização Cultural Votorantim

A Votorantim reconhece a importância da arte na formação humana. Por isso, apóia projetos comprometidos em ampliar e melhorar o acesso dos jovens, prioritariamente, às mais diversas manifestações artísticas.

Acesse www.votorantim.com.br/democratizacaocultural
para mais informações sobre os projetos apoiados e os processos de seleção